

O DEUS  
QUE NOS  
GUIA E  
GUARDA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Packer, J. I.

O Deus que nos guia e guarda: direcionamento divino para as decisões da vida / J. I. Packer, Carolyn Nystrom; tradução de Carlos Lopes. – São Paulo: Vida Nova, 2014

352 p.

ISBN 978-85-275-0593-2

Título original: *Guard us, guide us: divine leading in life's decisions*

1. Tomando decisões – aspectos religiosos 2. Cristianismo 3. Providência divina I. Título II. Nystrom, Carolyn III. Lopes, Carlos

14-0507

CDD – 248.4

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida Cristã

J. I. PACKER | CAROLYN NYSTROM

O DEUS  
QUE NOS  
GUIA E  
GUARDA

DIRECIONAMENTO  
DIVINO PARA AS  
DECISÕES DA VIDA

TRADUÇÃO  
CARLOS LOPES

  
VIDA NOVA

©2008, de J. I. Packer e Carolyn Nystrom

Título do original: *Guard us, guide us: divine leading in life's decisions*,  
edição publicada pela BAKER BOOKS, uma divisão de BAKER PUBLISHING GROUP  
(Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,  
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970  
www.vidanova.com.br | e-mail: vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2014

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da segunda edição revisada da Almeida Século 21  
(A21), salvo indicação em contrário.

---

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Fernando Mauro S. Pires

REVISÃO DE PROVAS

Rosana Brandão

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

OM Designers Gráficos

---

Para alguns amigos  
de  
All Souls  
e  
Immanuel Presbyterian,  
igrejas em que a direção de Deus tem sido  
buscada e encontrada:

Martin e Carolyn  
Dan e Sharon

Mark e Maggie  
Mateen e Cindy.



---

# Sumário

Prólogo: <i>O gosto do medo</i> .....	9
1. O Pastor e suas ovelhas.....	15
2. Histórias interligadas.....	39
3. Saúde!.....	73
4. Guiados pela Palavra de Deus.....	117
5. O caminho da sabedoria.....	157
6. Com um pouco de ajuda dos amigos.....	195
7. Modelos.....	231
8. Compromisso de uma vida guiada por Deus.....	255
9. Ética situacional.....	281
10. Guardados e guiados pelo Espírito Santo.....	301
Epílogo: <i>Um fim para o medo</i> .....	333
Apêndice: <i>John Newton sobre a direção divina</i> .....	343





# Prólogo

---

## O gosto do medo

O medo de um dano físico iminente tem um gosto desagradável, no sentido mais literal do termo. A bile sobe do estômago e deixa na garganta um acentuado gosto amargo. Foi assim com um amigo americano de Packer, quando ele e uma moça que estava fazendo aniversário ficaram à deriva no mar perto da costa de Maui, no Havaí, sobre um catamarã virado de cabeça para baixo, com um enorme tubarão nadando silenciosamente ao redor. Foi assim com outra amiga dele, canadense, quando ela ficou boiando nas águas frias do Pacífico depois de seu barco haver naufragado. O próprio Packer já sentiu esse gosto. E provavelmente você também, do contrário seria uma pessoa fora do comum.

Outros tipos de medo podem não deixar o mesmo gosto amargo na boca, mas, metaforicamente falando, podem estragar o sabor da vida. Eles anuviam seu espírito durante o dia e o mantêm acordado de noite; minam sua concentração o tempo todo e lhe provocam um pavor constante. De todos os impulsos humanos, o que nos leva a ser conduzidos pelo medo talvez seja, com o passar do tempo, o mais incômodo e o mais

nocivo, pois deteriora nossos relacionamentos, drenando nossa capacidade de viver; rouba-nos a sabedoria, fazendo com que olhemos para os lados em vez de olharmos para frente; enfim, é uma deficiência muito difícil de superar.

Durante os últimos 150 anos, a questão da direção divina tornou-se o foco desse mesmo medo no coração de muitos cristãos. Nós cristãos sempre nos regozijamos na certeza de que Deus, em sua graça e sabedoria oniscientes, está realizando seu plano em nossa vida e, assim, nos ajuda em nossas decisões e nos dá forças para fazer tudo o que a obediência à sua vontade revelada exigir de nós. Em certos setores, porém, a santidade exuberante e eloquente, exemplificada por homens como John Wesley e William Wilberforce, reduziu-se a um pietismo legalista. O pietismo — que significa viver segundo a crença de que nada na vida é tão importante quanto meu relacionamento pessoal com Deus — é algo bom e correto. Mas o legalismo — que significa viver segundo a crença de que a qualidade do meu relacionamento com Deus depende de eu me submeter a algum tipo de desempenho correto — não é algo bom nem correto. No caso do legalismo, duas coisas específicas deram errado. A primeira, a difundida noção de que alcançar e seguir a orientação direta de Deus é uma questão de extrema importância na vida cristã, como se isso fosse algo que estivesse acima e além da noção de tomar decisões de bom senso segundo os parâmetros cristãos. A segunda, o fato de o plano de Deus para a vida do cristão ter passado a ser entendido como um itinerário de viagem, no qual fazer as conexões planejadas é de fundamental importância e perder uma delas arruína o plano e estraga todo o resto da viagem. Pois, nesta hipótese, é preciso traçar um plano B, secundário, para substituir o plano A, original e ideal, mas agora impraticável; e isso certamente envolverá certo grau de perda.

Em decorrência dessa mentalidade, uma ansiedade medrosa (dominada pelo medo) e desorientada com relação a tomadas de decisão se difundiu entre os evangélicos. Os crentes se sentiam incapazes de tomar decisões de longo alcance até que tivessem recebido alguma indicação especial e pessoal de Deus a respeito do que deveriam fazer. O medo de fazer algo que, do ponto de vista de Deus, fosse assumir um compromisso errado em termos vocacionais, profissionais, sociais, relacionais e conjugais induziu a uma espécie de paralisia interior que redundou no fato de compromissos bons e desejáveis não terem sido firmados, pois as pessoas não podiam assumir nenhum tipo de compromisso (o que, evidentemente, já era em si uma espécie de tomada de decisão, embora normalmente não fosse vista dessa forma). E esse não é um bom estado de coisas.

A ironia da situação foi que os mestres (houve um tempo em que tínhamos muitos deles) — os mesmos que advertiam contra alguém condenar-se ao plano B, secundário, por não pedir a direção de Deus de forma diligente o suficiente e, assim, deixar de tomar a decisão correta — estavam tentando assegurar que os cristãos respondessem ao chamado para abraçar o serviço abnegado e sacrificial aos outros por amor a Cristo. Em certo período, foi quase inquestionável entre os evangélicos que todos os que objetivavam ser cristãos de primeira classe deveriam se tornar ou missionários no exterior, ou ministros/esposas de ministros, ou se dedicarem ao serviço na área médica (como médicos ou enfermeiras), ou se tornarem professores/professoras em escolas. Todas as outras esferas da vida, embora legítimas, eram vistas como áreas de atuação de segunda classe em comparação com essas. Assim, os jovens cristãos eram incentivados a buscar orientação pessoal em uma ou outra dessas quatro esferas privilegiadas, em vez de seguir qualquer ramo de trabalho mais lucrativo.

Nada disso, com certeza, era inteiramente errado. Essas quatro formas de serviço de fato normalmente oferecem mais oportunidades para fazer o bem e trazer benefícios imediatos para as pessoas do que muitos outros ofícios e profissões, de modo que devem ser vistas como privilegiadas e, por causa disso, os jovens devem ser encorajados a aspirar a uma delas. Mas a ideia de que elas coloquem alguém em um plano espiritualmente superior é uma superstição medieval vestida com uma nova roupagem, como se Deus visse o profissional religioso como uma pessoa que está acima de todas as outras. E também é superstição a ideia de que você precisaria de um sinal especial de Deus, algo que estivesse acima e além de quaisquer interesses ou aptidões pessoais, ou mesmo da estimativa que outros fazem de suas aptidões, para assegurar seu compromisso de servir em uma dessas áreas ou em qualquer outra atividade a elas relacionada.

Mas os crentes ainda se sentem ansiosos sobre a questão da direção divina e ainda acham a tomada de decisão algo espiritualmente inquietante e problemático. O medo, ao que parece, ainda está presente. E é justamente para tentar ajudar as pessoas nessa área de sensível tensão que o presente livro foi escrito.

### **Santos repletos de medo**

Um último ponto preliminar. Ao longo do tempo, o ministério tem nos mostrado que a comunidade redimida, assim como o resto do mundo, é composta por dois tipos de pessoas: as que se deixam conduzir pela tolice e as que se deixam conduzir pelo medo. Segundo a antiga teoria dos quatro tipos de temperamento, os que são movidos pela tolice tendem a ser os sanguíneos e os coléricos, enquanto os que são movidos pelo medo tendem a ser os fleumáticos e os melancólicos. Na linguagem

de hoje, poderíamos rotular os dois tipos como os impulsivos e os depressivos. Os impulsivos não são suficientemente zelosos no serviço a Deus, pois são muito precipitados, superficiais e confiantes demais para alcançar a plena medida de sabedoria, enquanto os depressivos, por sentirem que as coisas estão contra si, não são suficientemente confiantes em Deus para desfrutar do pleno equilíbrio da sabedoria. O medo penetrante de serem, de algum modo, pegos desprevenidos e desapontarem-se os persegue constantemente, e acaba por enfraquecer sua vida espiritual de modo muito mais pronunciado do que podem imaginar. Em termos das virtudes cardeais clássicas, falta ao primeiro tipo prudência e ao segundo tipo coragem, e ambos cometem erros a respeito da direção de Deus, em razão de sua fraqueza peculiar. Nós escrevemos este livro na esperança de ajudar esses dois tipos de cristãos.

A razão pela qual nossas exposições se voltam para um campo tão vasto encontra-se em nosso desejo de que sejam úteis para o máximo possível de pessoas. Oramos para que todos os que leiam este livro possam se beneficiar dele. Que Deus conceda isso! Amém.

J. I. Packer  
Carolyn Nystrom



# 1

---

## O Pastor e suas ovelhas

Sê nosso guardião e nosso guia,  
e ouve nosso clamor;  
Não deixe nossos passos escorregadios deslizarem,  
e segura-nos para que não caiamos.

Isaac Williams (1802-1865)

Começaremos buscando desenvolver o ponto que o nosso prólogo acabou de defender.

Como vimos, *direção* é uma palavra que para muitos cristãos inspira fascinação e medo. A fascinação é sentida porque os cristãos de fato querem ser divinamente guiados e sabem que há muitas passagens na Bíblia em que a direção divina é prometida aos que creem. O medo surge por suspeitarem que é difícil entender corretamente essa direção e por anteverem desastres ao interpretá-la de forma errada. Sabem de casos de condutas amalucadas e desastrosas que se disseram pautadas na direção divina e saber disso mantém seu medo bem vivo. O fascínio e o medo são alimentados por uma inquietante sensação de incerteza quanto às maneiras pelas quais Deus orienta